

A SENSIBILIZAÇÃO DA LEITURA E AS CRIANÇAS: UM ESTUDO SOBRE PRÁTICAS SIGNIFICATIVAS

Tiego da Silva Cruz ¹

RESUMO

Considerando a infância como a fase da vida humana em que o lúdico é um aspecto pertinente, o qual influencia diretamente na aprendizagem e desenvolvimento da criança por ser intrínseco ao seu universo, assim como também tem implicações no fazer pedagógico, o que estimula educadores a tornarem suas práticas cada vez mais significativas, o artigo objetivou refletir sobre a sensibilização da leitura e sua relação com as crianças, pensando de que modo a leitura chega aos pequenos leitores e como educadores podem desenvolver práticas significativas no ensino da leitura, abrangendo as concepções de alfabetização e letramento. A pesquisa foi desenvolvida a partir de uma análise bibliográfica com base nos estudos de Martins (1994) e Soares (2004). Observou-se, ao final da pesquisa, que os recursos lúdicos são importantes para o processo ensino-aprendizagem com crianças e que estes colaboram efetivamente no desenvolvimento da leitura por complementarem as práticas significativas, tornando o hábito de ler uma atividade ligada aos sentidos humanos.

Palavras-chave: Leitura, Crianças, Práticas significativas, Ludicidade, Sentidos

INTRODUÇÃO

Considerando a contemporaneidade, observa-se uma sociedade letrada, em que a necessidade de saber ler e escrever são pertinentes à vida do ser social e que os processos de aquisição dessas técnicas muito implicam no que diz respeito às práticas pedagógicas exercidas nos ambientes de sala de aula.

Em primeiro plano, faz-se necessário perceber as instituições de ensino que atendem alunos e alunas da Educação Infantil e/ou dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, onde estão presentes as práticas de desenvolvimento da linguagem e da oralidade com a faixa etária de 2 a 10 anos em média.

Através de práticas alfabetizadoras desenvolvidas na primeira infância e nos anos iniciais do Ensino Fundamental que utilizam a oralidade como eixo norteador do ensino, como cantigas de roda e contação de histórias, é perceptível o desenvolvimento da linguagem, ainda que de forma inicial, de acordo com as capacidades das crianças. Assim, é possível

¹ Especialista em Gestão e Coordenação Escolar e Licenciado em Pedagogia pela Faculdade do Vale do Jaguaribe - FVJ, Educador Tecnológico na empresa CREARE - Grupo Educacional, Professor de Robótica Educacional no Instituto Waldemar Falcão - Salesianas Aracati, tiegosacruz@gmail.com;

compreender também a presença do desenvolvimento da linguagem e da oralidade desde a Educação Infantil, porque essa passou a ser tratada como básica dentro do processo de ensino-aprendizagem e, conseqüentemente, o desenvolvimento de inteligências como leitura e escrita também.

Nesse campo, a ludicidade é um aspecto importante no processo de ensino e aprendizagem das crianças e busca, através da contação de histórias, dos jogos pedagógicos e de aulas práticas, exercitar o sentido lúdico da educação, trazendo para a criança os objetos intrínsecos do seu universo.

A contação de histórias, brincadeiras de faz-de-conta e atividades que envolvem criatividade e arte, por exemplo, são bastante pertinentes nesse processo, onde é possível observar que as crianças têm mais interesse em participar e demonstram mais resultados no processo de aprendizagem da leitura e da escrita. O lúdico é um recurso que colabora efetivamente para a aprendizagem das crianças, pois, através do brincar, por exemplo, a criança apresenta um interesse maior por determinados assuntos que são abordados em sala de aula e se sentem estimuladas em participar das aulas através dessa metodologia.

O lúdico tem sido uma ferramenta indispensável e essencial nesse processo, considerando que a criança é naturalmente um indivíduo que mantém forte relação com o imaginário e com a criatividade. Assim, a ludicidade tende a colaborar com eficácia nos processos escolares e na efetivação dos mesmos nas salas de aula. Desse modo, o uso da ludicidade permite que a criança se aproxime da leitura e conceba esse processo como algo comum à vida delas.

A partir dessa perspectiva, podemos considerar que a alfabetização corresponde ao fato de o indivíduo se apossar das habilidades que envolvem os códigos e do desenvolvimento da escrita. De acordo com Soares (2004, p. 11) “alfabetização é o processo de aquisição do sistema convencional de uma escrita alfabética e ortográfica”. Para além disso, a escola que atende a crianças, ao alfabetizá-las, poderia desenvolver estratégias de alfabetização pelo viés do letramento, fortalecendo as dimensões da leitura e da escrita para a vida social delas.

Essas práticas têm características de letramento. Os alunos, nas atividades, desenvolvem a linguagem com base nas práticas diárias, na necessidade de saber ler e escrever, no entendimento das histórias contadas e na participação oral que envolve a recontagem das histórias, leitura acompanhando o professor, etc. Para Goulart (2006, p. 452), o “letramento estaria relacionado ao conjunto de práticas sociais orais e escritas de uma

sociedade”. Ainda segundo a autora, “o letramento está relacionado à apropriação de conhecimentos, que constituem a cultura chamada letrada”.

Mediante o exposto, a pesquisa tem como objetivo refletir sobre a sensibilização da leitura e sua relação com as crianças, assim como refletir sobre de que modo a leitura chega aos pequenos leitores e como educadores podem desenvolver práticas significativas no ensino da leitura, perpassando discussão sobre alfabetizar letrando.

Para tanto, o estudo trata-se de uma pesquisa de natureza bibliográfica, fundamentada nos estudos de Martins (1994) e Soares (2004), onde foi possível compreender no primeiro tópico a relação entre a alfabetização e o letramento e, em seguida, sobre os sentidos da leitura e sua relação com os leitores.

Desse modo, a pesquisa traz em sua estrutura um diálogo sobre o universo da leitura e os pequenos leitores a partir da perspectiva da sensibilização do ato de ler, buscando aproximar o processo ensino-aprendizagem do real contexto da criança, dando significados novos e estimulantes a elas.

METODOLOGIA

O estudo foi realizado a partir de uma abordagem bibliográfica (OLIVEIRA, 2008), onde foi possível realizar uma leitura crítica acerca das obras de Martins (1994) e Soares (2004). O estudo bibliográfico ocorre com o intuito de revisar a literatura escolhida acerca do tema em debate e ressalta diálogos entre pesquisadores, autores e teóricos que produzem na mesma linha ou eixo de pesquisa (LAKATOS e MARCONI, 2003; OLIVEIRA, 2008).

ALFABETIZAR LETRANDO: RUMO ÀS PRÁTICAS SIGNIFICATIVAS

A educação, por si, constitui-se de um desafio de fazer valer o processo de escolarização enquanto instrumento de desenvolvimento das habilidades humanas em suas mais variadas vertentes, desde as competências motoras às competências cognitivas, perpassando por potencialidades como afetividade, sociabilidade, linguagens, corporeidade, entre outras. E, nesse vasto campo de possibilidades, as tecnologias não poderiam ficar de fora, uma vez que é uma realidade cada vez mais presente no cotidiano das pessoas.

A alfabetização se inicia na vida do indivíduo muito antes de ele ingressar no processo de escolarização e se prolonga por toda a vida, pois a cada nível de ensino, aprende-se algo a

mais e se aperfeiçoa a leitura e a escrita do sujeito. Vivemos em uma sociedade letrada, como já sabemos, e em função disso, se tem uma clara noção de que nossa realidade é cercada por materiais escritos, seja com os códigos linguísticos ou com imagens, o que revela o fato de que cotidianamente o ser social convive com as práticas leitoras e isso exerce uma função de inseri-lo no universo do letramento e da alfabetização automaticamente.

Desse modo, entende-se que a prática da leitura faz parte da vida do homem desde a mais tenra idade, desde que ele passa a interagir com o mundo a sua volta. É possível afirmar que o instinto humano em relação à leitura se desenvolve a partir do momento em que ele sente a necessidade ou curiosidade de interpretar e compreender aquilo que ele vê, seja um cartaz ou uma propaganda na rua, uma imagem, uma pintura, um panfleto. Tudo isso são formas de leituras inseridas no nosso cotidiano e que faz com que os sujeitos convivam com as práticas leitoras no seu dia-a-dia.

A escola, como instituição responsável por sistematizar esse processo, objetivando a aprendizagem integral do indivíduo em relação ao ato de saber ler, precisa atentar-se para o fato de que a leitura não pode ser mais compreendida como uma ferramenta essencialmente vinculada ao acúmulo de informações contidas em livros e que serão usadas em avaliações e provas. Esta precisa desenvolver o processo de ensino e aprendizagem da leitura dentro do âmbito contextual do aluno. Ou seja, as práticas de leituras exercidas no ambiente escolar precisam ter um significado muito maior do que aquele de que a leitura é importante para o processo escolar, interligando, desse modo, o processo de alfabetização ao processo de letramento. Assim, Soares (2004) diz que

[...] o que se propõe é, em primeiro lugar, a necessidade de reconhecimento da especificidade da alfabetização, entendida como processo de aquisição e apropriação do sistema da escrita, alfabético e ortográfico; em segundo lugar, e como decorrência, a importância de que a alfabetização se desenvolva num contexto de letramento – entendido este no que se refere à etapa inicial da aprendizagem da escrita, como a participação em eventos variados de leitura e de escrita, e o consequente desenvolvimento de habilidades de uso da leitura e da escrita nas práticas sociais que envolvem a língua escrita, e de atitudes positivas em relação a essas práticas; em terceiro lugar, o reconhecimento de que tanto a alfabetização quanto o letramento têm diferentes dimensões [...] (p. 16).

Percebe-se então a necessidade de atrelar os dois mecanismos de ensino, paralelamente, pois, a alfabetização insere o indivíduo no saber utilizar a linguagem e o letramento torna esse uso significativo, social e cotidiano. Assim, a escola necessita compreender estes dois processos de modo a serem realizados simultaneamente, para que os alunos apreendam o sistema de alfabetização de forma significativa, compreendendo o saber ler e escrever nas perspectivas do letramento.

Se considerarmos a leitura como uma das principais ferramentas de aquisição de informações e conhecimentos, é preciso que esta tenha um significado para a vida pessoal e social dos alunos. Se a leitura é uma das ferramentas, inicialmente os educandos precisam compreender a sua complexidade, para que então se faça uso da mesma para a transmissão e aquisição de saberes que também precisam ter significância para a vida de cada um.

Diversos fatores podem colaborar para que o processo de ensino e aprendizagem da leitura seja positivo e eficaz. Os educadores devem considerar a ideia de que o aluno pertence a um universo diferente do deles. Educadores possuem uma vasta experiência de vida, saberes e conhecimentos. Os alunos estão iniciando o processo educacional, adaptando-se, construindo saberes. No entanto, o professor, em sua posição de educador, precisa reconhecer a importância das experiências de vida dos alunos, da realidade de cada um, do contexto em que estão inseridos. Desse modo, pode, então, elaborar planos e metodologias de ensino nos quais alunos serão sujeitos ativos no processo.

Passou-se há muito tempo a época em que os alunos eram tratados como sujeitos passivos no processo educacional. Atualmente, há essa necessidade de fazer com que eles construam sua própria sabedoria, conhecimentos, habilidades e capacidades. O professor precisa acreditar que o aluno é capaz de construir seu próprio conhecimento. E no âmbito da leitura não é diferente. É preciso estimular o aluno a gostar de ler, a reconhecer na leitura um pouco de si e a construir leituras, por isso a difusão com a alfabetização.

[...] a difusão da alfabetização garantiu, então, a expansão de uma certa modalidade de leitura à grande maioria do corpo social, ao mesmo tempo que permitiu a uma minoria da população ascender à categoria de leitor qualificado, pela adoção da leitura como prática familiar e social, ou mesmo pelo prolongamento da escolaridade (BARBOSA, 1994, p. 30).

Proporcionar atividades nas quais o aluno não só leia, mas também comente, interprete, expresse, coloque um pouco de si, dê a sua opinião, analise e critique, certamente fará toda diferença para ele. Na verdade, o que se quer dizer aqui é que o aluno tem, naturalmente, essa necessidade de se sentir parte do processo, mas não só uma parte, e sim uma parte importante, construtora, agente.

Os alunos pertencem às mais diversas realidades, logo a sala de aula parece-lhes, de imediato, um ambiente incomum, então, porque não levar o processo de ensino e aprendizagem da leitura para a realidade destes alunos? Por que não aproximar as letras, as palavras e os textos do mundo deles?

Se o aluno mora numa região praiana, certamente, este já possui ideias e concepções acerca de elementos que fazem parte dessa natureza. Então, pode-se dizer que já é um bom começo para os educadores e, principalmente, para os educandos, que o ensino da leitura, e não somente desta, mas também da escrita e de outras inteligências, estejam interligadas a essa realidade. Por exemplo, canções, textos e frases relacionadas ao mar, à praia e aos elementos que fazem parte desse ambiente, serão muito mais significativas para o aluno que mora numa região de praia do que para um aluno que mora numa região de sertão, por exemplo. Obviamente não se fugirá de outros conhecimentos e ideias, pois o que se pede aqui é que o processo tenha sempre como base o contexto do aluno, para que as práticas se tornem cada vez mais significativas. O professor, atento ao universo do aluno, precisa se desligar do processo mecanizado e investir no processo real, contextualizado e significativo que o aluno tanto almeja.

Propiciar aos aprendizes a vivência de práticas reais de leitura e produção de textos não é meramente trazer para a sala de aula exemplares de textos que circulam na sociedade. Ao se ler ou escrever um texto, tem-se a intenção de atender a determinada finalidade. É isso que faz com que a situação de leitura e escrita seja real e significativa (ALBUQUERQUE et al., 2005, p. 97).

O processo escolar quando se torna uma continuidade da vida do aluno, passa a ser mais significativo. Ele não precisa formar uma lacuna na vida de quem aprende, mas sim uma ligação entre contexto, vida pessoal e social e aprendizagem. O aluno adentra a escola e inicia o processo de aprendizagem da leitura com certa bagagem de saberes. Cabe ao professor acrescentar os conhecimentos dos alunos.

SENSIBILIZAÇÃO DA LEITURA: OS SENTIDOS E AS PALAVRAS

A leitura é uma prática que se faz em vários níveis. Em sua obra *O que é leitura*, Martins (1994) nos apresenta essa questão, falando de três níveis de leitura, os quais apresenta como aquele em que prevalecem os sentidos, nível sensorial, aquele em que prevalecem as questões afetivas, o nível emocional e, por último, aquele nível em que prevalece a razão, o racional. Segundo Martins (1994, p.37), “esses três níveis de sentido da leitura precisam estar simultaneamente sintonizados, por mais que em dado momento um ou outro seja privilegiado pelo leitor”.

O nível “sensorial” de leitura representa o primeiro contato do leitor com o texto, acontece no momento em que este precisa reconhecer e interagir com o objeto de leitura,

antes de realizar a própria atividade leitora. Na verdade, a visão, o tato, a audição, o olfato e o gosto podem ser apontados como os referenciais mais elementares do ato de ler. Isso significa dizer que a criança, ao reconhecer o livro, o cartaz ou texto, buscará ali, naquele objeto, algo que a sensibilize, como as cores, as formas ou o tamanho das letras, por exemplo. Esclarecendo melhor essa formulação, Martins (1994, p. 40-41) diz que:

Essa leitura sensorial, pois, começa muito cedo e nos acompanha por toda a vida. Não importa se mais ou menos minuciosa e simultânea à leitura emocional e racional. Embora a aparente gratuidade de seu aspecto lúdico, o jogo com e das imagens e cores, dos materiais, dos sons, dos cheiros e dos gostos incita o prazer, a busca do que agrada e a descoberta e rejeição do desagradável aos sentidos. E através dessa leitura vamos nos revelando também para nós mesmos.

A chamada leitura sensorial é desenvolvida a partir do momento em que o indivíduo tem contato com o objeto de leitura. As cores, o tamanho, as formas e os desenhos farão aguçar os sentidos do leitor, assim como também estes mesmos aspectos podem desagradar aquele que lê. Desse modo, pode-se compreender que a leitura sensorial é o primeiro passo para que se desencadeie os outros níveis da leitura. Esse é o nível de leitura que mais contribui para despertar o prazer de ler, pois a mesma desenvolve no leitor inconscientemente o desejo pela leitura, pelo livro, pelos textos, sem que este precise racionalizar ou justificar o porquê desse desejo, simplesmente porque os seus sentidos anseiam aquele objeto de leitura.

É interessante notar que, o livro, antes mesmo de significar uma escrita, significa para o indivíduo um objeto com forma, cheiro, cor, etc., e que para aqueles que ainda não possuem a técnica da leitura, essa leitura, a leitura sensorial, é muito mais significativa que a própria leitura em sua ação prática. É neste sentido que Martins (1994, p. 42) afirma que os textos antes mesmo de serem percebidos pelo indivíduo como algo escrito, é compreendido como um objeto, com “forma, cor, textura, volume, cheiro”.

Desse modo, entende-se que a leitura sensorial é prévia a qualquer outra leitura, pois a mesma aguça todos os sentidos do ser humano, incitando-o a querer descobrir aquele texto, aquela revista ou aquele livro. A cor, as formas, os desenhos farão com que o sujeito se aproxime – ou não – daquele texto. Martins (1994) também afirma que na criança esse nível da leitura é mais espontâneo que no adulto:

O livro, esse objeto inerte, contendo estranhos sinais, quem sabe imagens coloridas, atrai pelo formato e pela facilidade de manuseio; pela possibilidade de abri-lo, decifrar seu mistério e ele revelar – através da combinação rítmica, sonora e visual dos sinais – uma história de encantamento, de imprevistos, de alegrias e apreensões (MARTINS, 1994, p. 43).

É certo que esse primeiro contato, essa leitura sensorial realizada pela criança possivelmente vai despertar nela algo que muito se discute em pesquisas acadêmicas e científicas: o gosto e o prazer em ler. Desse modo, é compreensível o fato de que a leitura sensorial é extremamente importante no processo de ensino e aprendizagem da própria leitura em si. Propor aos alunos o desenvolvimento dos sentidos é essencial na hora do aprender, seja qual for o conhecimento.

A leitura emocional está ligada ao fato de que durante a realização da leitura, o sujeito se identifica com o que está lendo e passa a desenvolver emoções ao longo da leitura. É provável que esse nível de leitura seja o que mais representa o prazer pelo ato de ler, no entanto, pouco valorizada por aqueles que desenvolvem os processos de ensino da leitura, principalmente nos ambientes escolares, consideravelmente mecanizados. A esse respeito Martins (1994, p.49) diz que

No terreno das emoções as coisas ficam ininteligíveis, escapam ao controle do leitor, que se vê envolvido por verdadeiras armadilhas trançadas no seu inconsciente. Não obstante, essa é a leitura mais comum de quem diz gostar de ler, talvez a que dê maior prazer. E, mais uma contradição, é pouco revelada e muito menos valorizada.

Assim, entende-se que quando o sujeito está realizando uma leitura e esta se torna mais interessante, mais envolvente, revelando sensações como alegria ou tristeza, sentimento de pertencimento ou afeiçoamento àquela leitura, o indivíduo está entrando no nível da leitura emocional. Esse nível de leitura implica não somente nesse sentimento de gostar daquilo que se está lendo, mas o emocional é também ativado quando se lê algo e surge um sentimento contrário, o de não gostar daquele texto ou livro. Essas sensações explicam e significam o nível da leitura emocional. Martins (1994, p.52), sobre essa visão de leitura, ainda acrescenta que

Na leitura emocional emerge a empatia, tendência de sentir o que se sentiria caso estivéssemos na situação e circunstância experimentadas por outro, isto é, na pele de outra pessoa, ou mesmo de um animal, de um objeto, de uma personagem da ficção. Caracteriza-se, pois, um processo de participação afetiva numa realidade alheia, fora de nós. Implica necessariamente disponibilidade, ou seja, predisposição para aceitar o que vem do mundo exterior, mesmo se depois venhamos a rechaçá-lo.

A leitura emocional desperta sensações no sujeito que está realizando a leitura, tornando a mesma mais prazerosa, mais próxima de seu universo. Ler naquele momento se torna algo subjetivo para o indivíduo, como se a leitura realizasse suas emoções, onde o sujeito se identifica com o texto em posse. Durante o despertar da leitura emocional os indivíduos despertam lembranças variadas, cenas, situações, pessoas, canções, tudo

relacionado com a leitura que está realizando. Vale também lembrar que a leitura emocional desperta também sentimentos adversos, aos quais despertam tristeza e angústia, por exemplo. Esse nível da leitura parece mais subjetivo que os outros dois, pois está intimamente ligada aos sentimentos dos sujeitos. Sentir emoções ao ler está para além do simples desejo de ler partindo da admiração – leitura sensorial – e da necessidade básica de ler – leitura racional.

Enquanto a leitura sensorial desenvolve os sentidos nos indivíduos e a leitura emocional desperta os sentimentos, a leitura racional é compreendida como mais intelectual, aquela que remete o sujeito a raciocinar em consideração aquilo que leu, dando significado e interpretando sua leitura. A leitura racional permite o indivíduo a elaborar questionamentos, reflexões e críticas acerca daquilo que leu. Embora seja assim, é válido considerar que os três níveis de leitura são de fundamental importância no processo de aquisição do ato de ler. Nesse sentido, Martins (1994), relata que

Na leitura emocional o leitor se deixa envolver pelos sentimentos que o texto lhe desperta. Sua atitude é opinática, tende ao irracional. Contam aí os critérios do gosto: gosta ou não do que lê por motivos pessoais ou por características textuais que nem sempre consegue definir. Muito menos se coloca a questão de como o objeto lido se constrói. Já na leitura racional o leitor visa mais o texto, tem em mira a indagação; quer mais compreendê-lo, dialogar com ele (MARTINS, 1994, p. 71).

Percebe-se, pois, que a leitura racional tende a despertar no indivíduo indagações, questionamentos, curiosidade em compreendê-lo. Diferentemente da leitura emocional na qual o sujeito se identifica por motivos pessoais ou por características do texto. Na leitura racional há a necessidade de compreensão, interpretação, o diálogo com o texto. É uma leitura tipicamente intelectual, que exige que o sujeito esteja atento ao que lê para compreender bem as informações e expressá-las também. “Isso nos leva a considerar a leitura racional como sendo especialmente exigente” (MARTINS, 1994, p. 71).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização da pesquisa colaborou com a compreensão acerca do desenvolvimento de práticas pedagógicas significativas no sentido de despertar os sentidos para a leitura em suas mais variadas vertentes.

A leitura precisa ser mediada de modo que a criança a perceba enquanto uma atividade social, que faz parte da vida cotidiana das pessoas e que os recursos lúdicos muitos colaboram nesse processo. É necessário, então, que o educador perceba a essência do ato de ler e agregue valores lúdicos a esse processo para que a criança possa, então, ressignificá-lo ao seu modo.

As práticas pedagógicas significativas precisam ser difundidas com maior evidência, no sentido de promover o real significado da educação, o qual seja fazer com que a educação tenha um valor significativo para a vida social dos sujeitos, em que os aprendizes desse processo também possam ser construtores dele de maneira efetiva por meio de uma relação horizontal, em que aluno e professor são mediados pelo interesse comum de promover a educação e o conhecimento.

Analisar a leitura e os sentidos que desenvolvemos para com ela é refletir de que forma podemos engajar as crianças nesse universo. Sensibilizar a leitura é um desafio cotidiano para educadores, independente do nível de ensino em que atuam, mas que precisa ser abraçado para que os gostos, sabores e sentidos sejam desenvolvidos, aguçados e estimulados.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Eliana B. C. et al. **Alfabetização e letramento: conceitos e relações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. São Paulo: Cortez, 1994.

GOULART, Cecília. Letramento e modo de ser letrado: discutindo a base teórico-metodológica de um estudo. In: **Revista Brasileira de Educação**, vol. 11, n. 33, p. 450-460, set./ dez., 2006.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SOARES, Magda B. Letramento e Alfabetização: as muitas facetas. In: **Revista Brasileira de Educação**, n. 25, p. 5-17, jan/fev/mar/abr., 2004.